

# A Vida Consagrada na (Nova) Evangelição. Visão Panorâmica



## Ir. Afonso Murad, FMS

Hermano Marista. Tiene pregrado en pedagogía, otorgado por la Universidad Estatal de Montes Claros (1981), en filosofía, de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais (1984) y doctorado en teología de la Pontificia Universidad Gregoriana (1992). Hizo una especialización en gestión y marketing, con la Fundación Dom Cabral (2006) y en comunicación social con la Universidad San Francisco. Concluyó un MBA en gestión y tecnologías ambientales en la Universidad de San Pablo (2010). Es profesor de teología en la Facultad Jesuita (FAJE) y en el Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) de Belo Horizonte; coordina el Núcleo de Extensión de la FAJE. Es miembro del Equipo de Reflexión Teológica de la Conferencia de Religiosos del Brasil (CRB); anima el programa de radio “Amigo de la tierra”, de educación ambiental; lidera el grupo de investigación de “Vida Religiosa, problemática actual y teología”. Autor de varios libros, como Gestión y espiritualidad, Introducción a la Teología (con J.B. Libanio), La casa de la Teología (con S. Ribeiro y P.R. Gomes). Fue Superior Provincial de su comunidad y miembro del ETAP en pasados trienios.

## Resumen

Neste artigo o autor aborda, de forma panorâmica, como se dá a atuação da Vida Consagrada na América Latina e no Caribe na evangelização do continente, e quais são as suas características marcantes. Para isso, apresenta, brevemente, os elementos principais da Mensagem Final do Sínodo dos Bispos de 2012 sobre “Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”.

En este artículo el autor aborda, de manera global, cómo participa la Vida Consagrada en América Latina y el Caribe en la evangelización del continente, y cuáles son sus características más relevantes. Para esto, presenta, brevemente, los principales elementos del Mensaje Final del Sínodo de los Obispos de 2012 sobre la “Nueva Evangelización para la transmisión de la fe cristiana”.

Como a Vida Consagrada na América Latina e no Caribe colabora efetivamente na Evangelização do nosso continente? Neste artigo, abordaremos de forma panorâmica como se dá esta atuação e quais são as suas características marcantes. Mas, antes de dependurar as roupas, é necessário estender o varal. Por isso, apresentaremos brevemente os elementos principais da Mensagem Final do Sínodo dos Bispos de 2012 sobre “Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”. A mensagem dos bispos reúne, de forma sintética e positiva, os componentes praticamente consensuais em torno do tema “Nova Evangelização”. As citações literais estarão em *italico*. A partir daí, mostraremos como a Vida Consagrada contribui para a Ação Pastoral e que tarefas ela tem a empreender, neste campo.

### 1. A (NOVA) EVANGELIZAÇÃO, CONFORME A MENSAGEM FINAL DO SÍNODO

O Sínodo não se detém em conceitos sobre a (nova) Evangelização. Ao contrário, parte de uma imagem, já conhecida pela Vida Religiosa no nosso continente: o encontro de Jesus com a Samaritana (Jo 4,5-42). Segundo os padres sinodais, como Jesus junto ao poço, a Igreja é chamada a sentar ao lado de homens e mulheres de hoje. *Ela quer tornar*

*o Senhor presente em suas vidas, para que possam encontrá-lo, pois o seu Espírito é a única água que dá a vida verdadeira e eterna. Só Jesus pode ler as profundezas de nosso coração e revelar a verdade sobre nós mesmos (1)\*. Evangelizar começa com o gesto de “estar presente com” e não de “falar de cima”. A nova evangelização é centrada em Cristo e no cuidado para com a pessoa humana, a fim de dar vida a um encontro real com Ele (10). No caminho aberto pela Nova Evangelização, por vezes nos sentimos como se estivéssemos em um deserto, no meio de perigos e falta de pontos de referência. Mas, justamente a partir da experiência do deserto, a partir desse vazio, nós podemos descobrir de novo a alegria de crer, sua importância vital para nós, homens e mulheres (11).*

### **Foco e método da (nova) Evangelização**

O adjetivo “nova” é utilizado na Igreja porque houve muitas mudanças na realidade e isso exige modificar a maneira de anunciar o Evangelho. *Os cenários social,*

*cultural, econômico, civil e religiosos mudaram e nos chamam para algo novo: a viver a nossa experiência comunitária de fé de uma forma renovada e anunciá-la através de uma evangelização que é nova em seu ardor, em seus métodos, em suas expressões (2). O critério último e definidor da (nova) evangelização é a centralidade de Jesus. Ela consiste em apresentar mais uma vez a beleza e novidade perene do encontro com Cristo ao coração e à mente dos homens e mulheres do nosso tempo, sobretudo para nós mesmos (3). Somos convidados a contemplar o rosto de Jesus Cristo, para entrar no mistério de sua vida entregue (3).*

**“Nova  
Evangelização para  
a transmissão da  
fé cristã”.**

Qual modelo de Igreja é o mais adequado para evangelizar, que leve em conta a centralidade de Jesus e os novos cenários? Uma Igreja comunidade, próxima e flexível, que transpareça mais a Jesus do que a si própria. Diz o Sínodo: *Devemos formar comunidades acolhedoras em que todos os irmãos encontram uma casa, experiências concretas de comunhão, que atraem o olhar desencantado da humanidade contem-*

*porânea com a força ardente do amor (...) Cabe a nós hoje tornar as experiências da Igreja concretamente acessíveis, multiplicar os poços onde as mulheres e os homens sedentos são convidados a encontrar Jesus, oferecer oásis nos desertos da vida (3).*

Ao se perguntar quais seriam as estratégias para esta nova evangelização, se diz com clareza: *Não precisamos inventar novas estratégias, como se o Evangelho fosse um produto a ser colocado no mercado das religiões. Devemos redescobrir as formas em que Jesus se aproximou às pessoas e chamou-as, a fim de colocar em prática essas abordagens nas circunstâncias atuais (4).* Esta redescoberta se faz com a leitura constante da Bíblia, iluminada pela Tradição Eclesial. Voltar à Palavra de Deus é necessário para conhecer o conteúdo do Evangelho e nos ajuda a descobrir oportunidades de encontrar Jesus, com abordagens evangélicas enraizadas nas dimensões fundamentais da vida humana (4).

A Igreja não evangeliza colocando-se de forma triunfalista ou ingênua, como se seus membros e suas estruturas já estivessem em plena conformidade com a mensagem que ela anuncia. Ao mesmo tempo em que comunica a mensagem de Jesus, a comunidade eclesial se deixa transformar pela Boa Nova, num processo constante de conversão. Confessa a vulnerabilidade de cada cristão, da comunidade e da instituição eclesial. Mas também reconhece o poder de Jesus de fazer novas todas as coisas e transformar suas fragilidades, de forma a poder resplandecer, na fraqueza, o rosto glorioso de Cristo (5). *Estamos confiantes na inspiração e na força do Espírito, que nos ensinará o que devemos dizer e o que estamos a fazer, mesmo nos momentos mais difíceis (5).*

O sínodo retoma a visão positiva diante da sociedade contemporânea, fazendo eco do Documento Conciliar “Gaudium et Spes”, que perscrutou os Sinais dos Tempos e identificou em temas contemporâneos rastros de

**Houve muitas mudanças na realidade e isso exige modificar a maneira de anunciar o Evangelho.**

luzes e sombras. Nesta linha, o Sínodo assume também o método que norteou a Teologia Latino-americana nos últimos 50 anos. Identifica o tempo de graça, o “Kairós” que irrompe no tempo cronológico. Deseja compreender o complexo mundo atual com humildade e determinação (6). Trata-se de ver a realidade com suas ambivalências e ambiguidades, à luz da Palavra, e descobrir no cenário os apelos e as oportunidades de Deus. A título de exemplo, a mensagem final elenca alguns componentes da realidade atual, identificando neles as ameaças e oportunidades para os cristãos e a humanidade: globalização, migração, secularização e crise religiosa, novas formas de pobreza (6).

### Os protagonistas e os espaços da (nova) Evangelização

Segundo a mensagem final, *apesar da diversidade das situações geográficas, culturais e sociais, todos os Bispos do Sínodo reafirmaram o papel essencial da família na transmissão da fé* (7). Eles também defendem a impor-

tância da Vida Religiosa, como sinal escatológico do Reino último e definitivo, que relativiza as conquistas humanas neste mundo (7).

A Igreja, com seus diferentes ministérios e serviços, assume a ação pastoral de forma conjunta. *Nenhuma pessoa ou grupo na Igreja tem direito exclusivo sobre a obra de evangelização. No trabalho das comunidades eclesiais como tal se tem acesso aos meios para encontrar Jesus: a Palavra, os sacramentos, a comunhão fraterna, serviço da caridade, da missão* (8).

A paróquia continua sendo a unidade básica da Igreja, embora *as mudanças possam exigir que ela seja formada por pequenas comunidades cristãs ou para criar vínculos de colaboração dentro de contextos maiores pastorais* (8). Na ação pastoral, todo tem lugar e exercem seu protagonismo de forma singular: os presbíteros, os diáconos, e os leigos, individualmente ou de maneira coletiva, especialmente os associados em novos movimentos ou novas comunidades. Para que tal proposta se efetive, os bispos solicitam que

À luz da Palavra,  
descobrir no  
cenário os apelos e  
as oportunidades  
de Deus.

*sejam promovidas as diversas formas de participação e corresponsabilidade dos fiéis (8).*

Do ponto de vista generacional, a juventude ganha destaque na (nova) Evangelização, como destinatária e protagonista. Solicita-se que as comunidades cristãs apoiem os jovens em suas buscas, e abram espaços para ouvir, dialogar e responder com audácia e sem reservas para a situação da juventude. Em vez de reprimir o poder de seu entusiasmo, lutem por eles e com eles contra as forças históricas que procuram dissipar suas energias e esvaziar sua paixão pela vida (9). *O mundo dos jovens é um campo exigente, e particularmente promissor, da Nova Evangelização.* Basta mencionar os eventos de massa que atraem a juventude, como também as diferentes experiências de serviço, espiritualidade e missão. A Igreja precisa reconhecer o papel ativo dos jovens na evangelização do seu próprio mundo (9).

Os horizontes da Evangelização são tão amplos quanto o mundo (10). No atual panorama planetário, ela

se traduz sobretudo como diálogo com as culturas, esforçando-se para encontrar em cada uma delas “as sementes do verbo”. Na sociedade do conhecimento, destaca-se o esforço em cultivar a relação entre fé e razão. *Onde quer que a inteligência humana seja desenvolvida e educada, a Igreja tem o prazer de trazer sua experiência e contribuição para a formação integral da pessoa.* Neste contexto, particular atenção se reserva às escolas e às universidades católicas (10).

**Nenhuma pessoa ou grupo na Igreja tem direito exclusivo sobre a obra de evangelização.**

Dentre os muitos campos onde se desenvolvem o diálogo da fé com a realidade humana, o Sínodo sublinha a mídia, as diversas manifestações da arte, o mundo do trabalho, o empenho pela sustentabilidade ecológica, a luta para superar o sofrimento e a doença, o âmbito da política e, por fim, o diálogo inter-religioso (10).

**Perto de Deus, perto dos pobres**

Os padres sinodais indicam duas expressões da vida de fé, particularmente importantes, para serem testemunhadas na (nova)

Evangelização: a contemplação e a presença junto dos pobres (12). Quanto ao primeiro ponto, salientam a credibilidade que surge da reverência e da adoração ao mistério do Deus trinitário, a partir do silêncio profundo de quem acolhe a Palavra, como em um útero. *Só este silêncio orante impede que a Palavra de Salvação seja perdida no meio dos muitos barulhos que invadem o mundo* (12). Os bispos agradecem a todos os homens e mulheres que dedicam suas vidas à oração e à contemplação nos mosteiros e ermidas e sugerem que esta experiência contemplativa seja acessível aos leigos, no cotidiano de sua existência.

*O outro símbolo de autenticidade da nova evangelização tem o rosto dos pobres. Colocar-nos lado a lado com aqueles que estão feridos pela vida é mais do que um exercício social. Trata-se de ato espiritual, porque é o rosto de Cristo que resplandece no rosto dos pobres (Mateus 25,40). A presença dos pobres em nossas comunidades é misteriosamente poderosa: ela muda as pessoas mais do que um discurso faz, ela ensina a fidelidade, faz-nos compreender a fragilidade*

*da vida, pede oração. Em suma, traz-nos a Cristo* (12). O gesto interpessoal de caridade deve ser acompanhado de compromisso social com a justiça, como apelo que diz respeito a todos, ricos e pobres. Por isso, a formação dos cristãos que se dedicam à comunidade humana no âmbito social e político, inspirados na visão social da Igreja, é elemento constitutivo da Nova Evangelização (12).

A mensagem do Sínodo da Nova Evangelização se encerra com uma palavra específica para as igrejas nas diversas regiões do mundo. Voltando-se para a América Latina e o Caribe, a Assembleia Sinodal agradece a todos os

que contribuem para o anúncio do Evangelho no nosso continente. Recorda, como características próprias, a religiosidade popular, o serviço do amor solidário e o diálogo com as culturas. Adverte que, na atualidade, o pluralismo religioso questiona as Igrejas e exige um renovado anúncio do Evangelho. O núcleo da Palavra dirigida ao nosso continente consiste no apelo que ressoa em consonância com a Assembleia de Aparecida: *em face dos mui-*

*Os horizontes da Evangelização são tão amplos quanto o mundo.*



*tos desafios atuais, em primeiro lugar da pobreza e da violência, a Igreja na América Latina e no Caribe é encorajada a viver em um estado permanente de missão, anunciar o Evangelho com esperança e alegria, formando comunidades de missionários discípulos de Jesus Cristo, mostrando, no compromisso de seus filhos e filhas, como o Evangelho pode ser a fonte de uma nova sociedade, justa e fraterna (13).*

Uma leitura serena da Mensagem dos bispos confirma que o caminho empreendido pela Igreja e pela Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, desde Medellín, já antecipou os principais aspectos apresentados no Sínodo sobre a Nova Evangelização. Por isso, em alguns lugares deste texto, colocamos entre parênteses a expressão “nova”. Trata-se, na verdade, da missão evangelizadora, no contexto atual. Não temos que abandonar o que fizemos até agora. Ao contrário. Reconhecemos com humildade e alegria que a Igreja latino-americana e caribenha, à custa de muito esforço, incompreensão e conflitos, abriu

muitos caminhos que hoje são adotados como válidos para outros contextos.

Vejamos agora como efetivamente a Vida Consagrada tem contribuído para a (nova) Evangelização. Retomaremos aqui alguns pontos de um artigo publicado no Brasil em um caderno da CRB, cujo conteúdo foi ampliado após reflexão com a diretoria da CLAR e a Equipe de teólogos assessores (ETAP), na cidade do México.

*A presença dos pobres em nossas comunidades é misteriosamente poderosa.*

## 2. A VIDA RELIGIOSA NA (NOVA) EVANGELIZAÇÃO DO NOSSO CONTINENTE

Enumeramos brevemente vários aspectos, que incluem a participação dos Institutos de Vida Consagrada, as Conferências de Religiosos e a CLAR, na evangelização.

### a) Testemunho de Vida pessoal

Ao perguntarmos aos leigos(as), que atuam na evangelização ou colaboram em iniciativas das Congregações sobre o traço característico dos consagrados, o primeiro aspecto que vem à tona consiste no relato de experiências



de vida na qual um religioso ou religiosa marcou a existência deles. Este talvez seja o sinal luminoso mais evidente da Vida Consagrada e que impacta na Evangelização. Cada Congregação religiosa abriga e desenvolve em seu seio um grupo significativo de mulheres e homens extraordinários e simples. Não são grandes celebridades que aparecem na mídia. Na sua vida cotidiana, testemunham bondade, misericórdia, generosidade, amor a Deus, serenidade, solidariedade e profecia. Enfim, valores do Evangelho. A Vida Religiosa tem o rosto de milhares de pessoas, vivas e falecidas, que internalizam os valores evangélicos e o testificaram em gestos, posturas e atitudes, a radicalidade do seguimento de Jesus. Cada vez mais, os cristãos necessitam de modelos ou referências de vida que sejam possíveis e visíveis.

#### **b) Opção preferencial pelos pobres**

É sabido que a maioria das nossas congregações nasceram para atu-

ar junto dos pobres. Lentamente, elas assumiram grandes obras e instituições, que distanciaram seus membros daquele enorme contingente que está “à margem”, privada dos direitos sociais e do exercício da cidadania. Na sociedade contemporânea, multiplicaram-se a riqueza e pobreza. A Vida Consagrada foi chamada a responder a este desafio. Na América Latina, a partir de Medellín-Puebla a opção preferencial pelos pobres ganhou rosto singular.

*La VR tem o rosto de milhares de pessoas que internalizam os valores evangélicos e o testificaram.*

Compreendeu-se que a pobreza não é somente um fenômeno individual, mas sobretudo coletivo. Estruturas políticas, econômicas e sociais legitimam e ampliam a exclusão social. Então, a ação dos/as

religiosos/as mudou substancialmente. A partir da metodologia libertadora inaugurada por Paulo Freire, consideram-se os pobres como seres humanos chamados a serem protagonistas de sua história, como pessoas, cidadãos e membros da comunidade cristã. Nas comunidades religiosas inseridas e em outras formas similares de missão se valorizam a convi-

vência e discipulado: estar com os pobres numa relação fraterna de aprender e ensinar.

A opção pelos pobres se coloca no horizonte de crítica à sociedade existente e de empenho na construção de um novo projeto de humanidade. Por isso, investe-se na conscientização e na organização popular. Os agentes de Pastoral - presbíteros, religiosas/os e leigos/os - prepararam lideranças populares para assumirem o protagonismo na Igreja e na sociedade. Estão com os pobres, contra a pobreza. As ações assistenciais se libertaram do assistencialismo paternalista, que considera os pobres como “coitadinhos” e incapazes. No correr dos últimos anos, as comunidades religiosas contribuíram enormemente na formação e no acompanhamento de lideranças rurais e urbanas, que atuaram em processos de transformação social. Recentemente, tem-se engajado também no processo de definição e monitoramento das políticas públicas.

Em muitos países do nosso continente, há comunidades religiosas no meio dos pobres, em lugares

onde os outros não arriscam entrar. A lista é enorme, e constitui uma grande contribuição da Vida Consagrada para a Evangelização no nosso continente. Citemos aqui alguns destes lugares: bairros pobres e violentos das grandes cidades, comunidades rurais, aldeias indígenas, comunidades terapêuticas de recuperação de drogados, centros de acolhida à população de rua, centros de referência para mulheres pobres em situação de prostituição.

**Estar com os  
pobres numa  
relação fraterna de  
aprender e ensinar.**

### **c) Espiritualidade bíblica e encarnada**

Os consagrados são caracterizados como “homens e mulheres de Deus”. A Vida Religiosa nasce e se desenvolve como forma original de seguir a Jesus. Hoje, percebe-se com clareza que ela não é um “estado de perfeição” e sim um “estado de peregrinação”. A partir de uma antropologia unificadora, que compreende o ser humano com unidade plural de corpo e espírito, busca-se superar o espiritualismo pessimista e escapista. O cultivo da Espiritualidade ganha novo sabor. Vai além dos “exercícios de piedade” e das devoções. Centra-se na leitura da Palavra de

Deus em relação com a existência humana. Amplia-se com a oração espontânea, o louvor, os cânticos, a revisão do dia, a partilha das experiências, a celebração comunitária da eucaristia. Ora, tal mudança de perspectiva na espiritualidade da Vida Religiosa apostólica impacta diretamente na forma como ela evangeliza. Em vez de pregar que os cristãos devem se isolar do mundo, convoca-os a transformar o mundo. Quem experimenta a leitura diária da Palavra de Deus tem o desejo de partilhar esta vivência com outros. O ensinamento não está centrado na doutrina, compreendida de maneira fixista, mas no seguimento a uma pessoa, Jesus.

*A espiritualidade da VR apostólica impacta diretamente na forma como ela evangeliza.*

Há um segmento da Vida Consagrada, denominada “contemplativo”, que prioriza no seu estilo de vida, o silêncio, a oração pessoal e comunitária, a mistagogia. O sínodo reconhece a importância deste grupo na (nova) Evangelização. As/os religiosas/os de vida ativa os veem como companheiros e companheiras de caminho, que nos recordam a busca do essencial.

A dimensão contemplativa da Vida Consagrada, de maneiras distintas, é importante para todos, especialmente no contexto de crescente secularização e pluralismo religioso. Religiosas/os muito ocupadas/os, mas com o coração vazio de Deus, perdem a cor e o sabor de sua vocação. Coloca-se um imperativo: ou seremos homens e mulheres de Deus no meio do mundo, ou não seremos nada. Nas palavras de Jesus: “Se o sal perde seu sabor, para que servirá? (Mt 5,13s). Embora ainda minoritário, torna-se cada vez mais significativo o número de pessoas que procuram nas/os consagradas/os referências de vida no âmbito da mística, da espiritualidade, da

contemplação, da harmonia interior. Não querem mestres nem doutores, mas companheiros no caminho espiritual. O que lhes ofereceremos, em âmbito pessoal e coletivo?

No nosso continente, a CLAR e as Conferências Nacionais de religiosas/os oferecem amplo material didático para estimular o exercício da leitura orante da Bíblia,

muitas/os comunidades adotaram esta prática e a assimilaram como método prioritário para rezar. Mais ainda. Muitos religiosos/os estão envolvidos, nas Igrejas particulares, na pastoral bíblica, na promoção de grupos de reflexão e partilha em torno das Sagradas Escrituras, na formação e acompanhamento espiritual de lideranças eclesiais a partir da Bíblia. Trata-se de uma contribuição inestimável para a (nova) Evangelização!

#### d) Colaboração na edificação da Igreja viva

A constituição dogmática “Lumen Gentium” resgatou a eclesiológia dos inícios da Igreja, ao utilizar a imagem de “Povo de Deus”. Leigos/os e religiosos/os tomaram consciência de que são Igreja, como discípulos/os de Jesus. Saíram da condição infantil de “filhinhos” e “submissos ouvintes”, para membros ativos. Mas este movimento foi freado recentemente. Em meio à imensa onda clericalista e concentradora de poder, que devastou como tsunami a Igreja nos últimos 25 anos, felizmente o Sí-

nodo da Nova Evangelização traz novamente a bandeira da “Igreja comunidade” e de estruturas participativas. Que seja bem-vinda!

Um contingente expressivo de religiosos/os participou ativamente na edificação da “Igreja comunidade”, Povo de Deus a caminho, em nosso continente. Atuou na implementação e no crescimento das Comunidades Eclesiais de Base, colaborou na catequese

renovada, assumiu a animação de comunidades rurais e indígenas sem presbíteros, iniciou várias pastorais sociais, apoiou a organização de comunidades, paróquias, dioceses e Conferências Episcopais Nacionais, prestou assessoria pasto-

ral e teológica de muitas formas. Esta história continua, apesar do poder violento da “velha evangelização”, que reprimiu e destruiu experiências admiráveis, edificadas lentamente durante tantos anos. A questão se complica mais, quando religiosos/as que atuam ativamente nos meios eclesiais, somos acusados de fazer parte de uma “Igreja paralela”. Ora, parti-

*Religiosas/os  
muito ocupadas/  
os, mas com o  
coração vazio de  
Deus, perdem a cor  
e o sabor de sua  
vocação.*

cipação intensa e a crítica construtiva nascem do amor à Igreja e do senso de pertença a ela.

Porque fazemos parte de maneira ativa da Igreja e queremos que ela seja sal, luz e fermento no mundo, questionamos suas estruturas anacrônicas, a concentração do poder, as práticas androcêntricas, o refúgio no passado idealizado. Sonhamos e nos empenhamos para que a Igreja, em suas pessoas e estruturas, exercite a fidelidade criativa ao Evangelho, no diálogo com o mundo. Que sua pregação, seus gestos e sua postura traduzam a Boa Nova de Jesus com profetismo e sabedoria. O empenho pela “cidadania eclesial”, em contexto de ventos contrários, gera conflitos, perseguições e incompreensões, em âmbito individual, comunitário, de instituto e das conferências de religiosos. É o preço que pagamos por aquilo que acreditamos.

No entanto, o foco não reside no conflito ou no eventual dissenso, mas sim na busca da unidade da diversidade, em vista do diálogo vivo do Evangelho com a socie-

dade contemporânea, como ressaltou o Sínodo. Pois é imprescindível que a evangelização, seja nova não somente no ardor, na linguagem e no método, mas também em estruturas eclesiais participativas.

#### e) Parceria com as/os leigas/os nas Instituições dos religiosos

Nota-se um crescente envolvimento de profissionais e voluntários leigos na missão das/os religiosas/os em suas instituições formais, como escolas, hospitais, obras sociais, editoras e rádios. Destacam-se entre as causas: diminuição do contingente de consagrados, valorização da vocação do leigo na Igreja, exigência de crescente especialização e maior complexidade da gestão de obras. Inicialmente, as/os leigas/os entraram nas obras realizando tarefas operacionais simples. Com o tempo, assumiram funções executoras. A seguir, cargos técnicos, e por fim, a gestão.

Esta realidade exige outra forma das/os religiosas/os lidarem com os profissionais e voluntários leigos. Não mais de maneira caseira,

**O Sínodo da NE  
traz novamente a  
bandeira da “Igreja  
comunidade” e  
de estruturas  
participativas.**

ou considerando-os meros auxiliares, e sim como participantes da missão. Com o tempo, altera-se a estrutura de poder, abrem-se novos modelos de gestão compartilhada. Assim, a Vida Consagrada colabora com a (nova) evangelização, ao ensaiar estas formas originais de participação, empoderamento e protagonismo dos leigos, em instituições complexas. Escolas, universidades e hospitais, por exemplo, não somente fazem parte da missão religiosa da Igreja, mas também compartilham de sua feição secular, pois atuam no mercado como prestadoras de serviços. E devem colocar a questão: como ser um sinal do Evangelho na sua própria estrutura organizacional e na maneira como atuam na sociedade?

Um fenômeno recente consiste em que leigos cristãos, para além do âmbito institucional, buscam as comunidades religiosas porque se encantam com o carisma congregacional e querem participar dele, mas mantendo sua condição laical. É ocasião propícia de compartilhar a espiritualidade e criar

novas formas de pertença. Eis aí outra oportunidade para a (nova) evangelização.

## f) Religiosas/os em rede

Após o Concílio emergiu a consciência de que os Institutos Religiosos apresentam elementos em comum nos carismas, problemas semelhantes, buscas e possibilidades de soluções. Ganham importância as Conferências de Religiosas/os, em âmbito regional, nacional e continental. O primeiro passo consistiu em promover momentos da formação inicial em conjunto. A seguir, estabelece-se a colaboração na reflexão, na animação espiritual, na formação permanente, na missão, e abordam-

se temas emergentes, como a questão de gênero, a diversidade cultural e de gerações. Também criam-se iniciativas de partilha de carismas semelhantes. As diversas instâncias de intercongregacionalidade, ocasionais ou permanentes, possibilitam que as/os religiosas/os e seus institutos se percebam para além de seus muros institucionais. Ao ver de lon-

*Que a Igreja, em  
suas pessoas  
e estruturas,  
exercite a  
fidelidade criativa  
ao Evangelho, no  
diálogo com o  
mundo.*

ge, as vicissitudes ganham o peso que merecem. Renovam-se esperanças, partilham-se alternativas e dilata-se o horizonte de futuro. Sentimo-nos irmanadas/os, em sintonia. As distintas “famílias religiosas”, com sua singularidade e relação, constituem uma grande família que chamamos “Vida Consagrada”. Esta forma horizontalizada de compartilhar experiências e realizar projetos comuns é útil para a (nova) Evangelização, pois sinaliza um modelo viável de promover a catolicidade, unindo o diverso sem suprimir as singularidades.

## CONCLUSÃO ABERTA

Apesar da crise vocacional, perda de membros de meia idade e envelhecimento que assola muitos institutos, há grande vitalidade na Vida Religiosa em nosso continente. Podemos dizer, sem sombra de dúvida, que colaboramos efetivamente na (nova) Evangelização. Basta recordar, por exemplo, da imensa presença a atuação junto às crianças e jovens, em creches, escolas privadas, escolas conveniadas para os pobres, centros sócio-educativos, espaços culturais e evangelizadores. Convém

recordar que as/os religiosas/os tem papel preponderante na organização e animação da Pastoral da Juventude em muitos países, e preparam os jovens para que sejam evangelizadores de outros jovens. As/os religiosas/os também mantêm uma série de organizações evangelizadoras na área da comunicação, desde editoras e livrarias, até produtoras de vídeos e emissoras de rádio.

No âmbito social, criam-se comunidades e obras em resposta às **novas formas de pobreza** e de marginalidade social, tais como toxicod dependência, tráfico de seres humanos e população de rua. Algumas iniciativas colocam-se em con-

sonância com o crescimento da **consciência cidadã e planetária**. Somam-se experiências ligadas à educação ambiental, economia solidária, saúde holística, direitos das mulheres, questões de gênero e diversidade sexual, diálogo inter-religioso, monitoramento das políticas públicas, uso de redes digitais na evangelização, entre outras. Trata-se de um leque amplo e diversificado, no qual se realiza a evangelização voltada para

*É ocasião propícia  
de compartilhar a  
espiritualidade e  
criar novas formas  
de pertença.*



os pobres, em vista de uma nova sociedade, justa, fraterna, solidária e sustentável.

No que diz respeito à formação dos evangelizadores, faz-se necessário o investimento contínuo na seleção, formação inicial e acompanhamento de **profissionais** e voluntários **leigos(as)** que atuam nas obras e presenças apostólicas dos Institutos. Neste processo, conjugam-se as exigências profissionais com formação teológico-pastoral e conhecimento do carisma congregacional. Além disso, há um lado explicitamente religioso, que não está ligado à dimensão profissional. Trata-se de acompanhamento espiritual e da constituição de **grupos de leigos** e leigas que se sentem atraídos pelos carismas e querem tomar parte dele, como elemento constitutivo de sua opção de vida. Isso pode configurar novas formas de pertença e trazer um novo matiz para a evangelização.

A grande questão reside no fato de que as mudanças sócio-culturais são muito rápidas, e a Igreja tende a manter a linguagem,

o método e os interlocutores já conquistados. Investe-se pouco em processos de renovação e de inovação. E neste campo, a Vida Religiosa pode “sair na frente”, como uma referência para a comunidade eclesial. Como? Constituindo eficazes “*redes de profecia e inovação*”. Como se afirmou anteriormente, grande é a complexidade da vida moderna em todos os âmbitos, e os desafios e oportunidades mudam com rapidez. Cada congregação, isoladamente, não tem em mãos as informações e os recursos (humano, patrimonial, financeiro, tecnológico, pedagógico, pastoral, profissional...) necessários para tomar decisões e promover iniciativas arrojadas na Evangelização e no diálogo intercultural.

Muitos são os riscos e empecilhos. Alguns exemplos: O movimento popular ainda não se recuperou da crise de letargia que atingiu nos últimos anos. No campo de organizações privadas de prestação de serviço, sofre-se a avassaladora concorrência do mercado. No âmbito eclesial, enfrentamos ondas conservado-

Há grande  
vitalidade na Vida  
Religiosa em nosso  
continente.

ras poderosas, que ameaçam afogar a Igreja dos Pobres. A lista, que poderia se alongar, confirma a apelo: ou nos unimos ou morreremos lentamente, cada um no seu canto.

*Ondas  
conservadoras  
poderosas,  
ameaçam afogar a  
Igreja dos Pobres.*

Além da efetiva colaboração nas Conferências de Religiosos nacionais e na CLAR, que devem primar pela leveza e agilidade, as congregações que abraçam projetos pastorais semelhantes devem desenvolver mecanismos de partilha e de gestão de conhecimento (teórico e prático). Em alguns casos, isso significa a constituição de comunidades e de obras intercongregacionais. Em outros, exige a implementação de parcerias e

de alianças estratégicas. Trata-se de estimular a cultura da colaboração intensa e da partilha de competências pastorais, na qual cada um oferece para a/o outra/o o que tem de melhor e dela/e recebe algo que necessita para seu crescimento, a serviço da evangelização.

Que o ardor e a ousadia dos nossos fundadores e fundadoras ecoem em nós, para abrirmos juntos caminhos evangelizadores no nosso continente!

\* Nota del Editor: Los números que se referencian entre paréntesis corresponden a la numeración que se utiliza en el Mensaje del Sínodo para la Nueva Evangelización.